



A última entrevista: uma conversa intempestiva com Eneida Maria de Souza¹

The Last Interview: an Intempestif Conversation with Eneida Maria de Souza

Ewerton Martins Ribeiro

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

ewertonmartinsribeiro@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2518-2029>

Aprovado num concurso público em 2010, tornei-me jornalista da Universidade Federal de Minas Gerais em dezembro de 2012, mês em que também fui selecionado para cursar um mestrado em literatura brasileira na UFMG. Esse ponto de virada em minha vida foi decisivo para que eu tivesse, na década que se seguiu, uma série de oportunidades de trocar boas ideias com Eneida Maria de Souza, professora que pôs à prova a dissertação que escrevi naquele mestrado (2013–2015), integrando a banca da minha defesa, e orientou o doutorado em teoria da literatura (2016–2021) que eu começaria a cursar em seguida. Nessa rotina acadêmica, foram várias as nossas reuniões de orientação, conversas que ocasionalmente escaparam do tema da minha tese (a autoficção) para alcançar a literatura como um todo, e questões relativas ao nosso campo cultural e intelectual, de modo geral, em seus impasses e potencialidades. Ainda tenho os registros dessas conversas arquivados em áudios. Paralelamente, também tive, pela perspectiva do jornalismo, a oportunidade de entrevistar Eneida algumas boas vezes nessa última década, seja a fim de coletar uma consideração ou receber uma consultoria sobre um assunto colateral à sua experiência acadêmica

¹ O primeiro rascunho deste texto foi apresentado, como comunicação oral, no XVIII Encontro Internacional da ABRALIC: MUNDOS COMPARTILHADOS, realizado de forma on-line do dia 11 ao dia 15 de julho de 2022.

(por exemplo, uma tese, um livro ou um autor sobre a/o qual eu estivesse escrevendo para a UFMG), seja com o objetivo de produzir uma entrevista exclusiva com ela – como ocorreu em 2016, ocasião em que pude sabatinar de forma livre o seu pensamento durante um almoço na Pampulha sem hora para acabar, com vistas a adiantar, para a comunidade da UFMG, algumas das noções-chave que ela nos apresentaria alguns dias depois em uma aula magna (RIBEIRO, 2016). De igual modo, tenho várias horas de áudios e diferentes rascunhos dessas conversas arquivados em meu computador. As perguntas e respostas que apresento aqui são o compilado (2012–2022) – um tanto selvagem – que produzi (ao modo da bricolagem que tanto interessava à Eneida) de todo esse material para esta ocasião, com vistas a prestar uma última homenagem à mestra e facultar-nos, mais uma vez, escutá-la. Que esta entrevista póstuma, em seu cariz autoficcional, possa de algum modo presentificar, ainda que por um instante, o pensamento vivo de Eneida Maria de Souza outra vez entre nós.

Ewerton Martins Ribeiro: *Eneida, o que é literatura para você?*

Eneida Maria de Souza: A noção de literatura varia conforme a época. Veja a noção de arte, por exemplo: só nesse século mesmo, dos anos 2000 para cá, já se transformou tanto! A própria literatura, também, vem assumindo novas feições. Ela vem sendo discutida, desmontada. Ao mesmo tempo, se você pensar que nós não temos mais uma posição definida diante da literatura, tal como se tinha no Romantismo, tal como se tinha no Realismo nem no Modernismo; então você percebe que o termo literatura hoje tem de ser ampliado. Então o que posso dizer é que os significados que tínhamos para o termo literatura – que eram vários – precisam ser ampliados. Ampliados, por exemplo, para a noção de Poética, para a noção de Narrativa, para a própria noção de Ficção. Porque o suporte da literatura hoje já está diferenciado. Tudo isso reflete uma realidade em que a literatura não tem mais autonomia em relação a outras artes e disciplinas. Hoje, a literatura sofre a intromissão do cinema, a intromissão das artes plásticas, a intromissão da história; temos o romance histórico, o romance autobiográfico, por exemplo. As mudanças quanto ao suporte, as mudanças de meio e de divulgação tornam a literatura algo cada vez mais difícil de definir.

EMR: *Somos capazes de definir uma ontologia para a literatura no contemporâneo?* [A pergunta remete a uma orientação que, certa feita,

Eneida me oferecia para um projeto de pesquisa que eu tinha, mais tarde abandonado. Ela introduz o tema ensaiando uma categorização de possibilidades literárias.]

EMS: Há, por exemplo, a linhagem daqueles que utilizam a literatura como uma metáfora. Você tem o Borges, que diz: minha vida é a literatura, tudo meu é literário, meu destino é literário; você tem o Piglia, que também segue um pouco isso; você tem o Calvino – enfim, escritores para os quais a literatura entra como uma reflexão do mundo, vamos dizer assim, em que você está achando que está lendo a sua vida, mas está lendo a vida do outro; ou então o contrário, você está pensando que está lendo a vida do outro, mas está lendo a si próprio. Então há a literatura como esse corte com a realidade; cristalizar a realidade, transformar a realidade em algo artificial, ficcional. [...] Depois você tem outra linhagem, que é dos autores críticos, como Barthes [...].

[Mas esta linha de raciocínio ficou para sempre interrompida no meio. Era uma orientação, os assuntos se misturavam. De todo modo, encerrando esse tópico, em dado momento Eneida me diz, tendo ainda em vista esse meu afã de mapear algo dessa ontologia:]

A verdade é que a literatura não tem mais aquela força que tinha antes. Quero dizer, até tem, mas essa força atua de outra forma. Então esta segue sendo a nossa grande questão: o que é a literatura. Porque dez anos atrás eu tinha um pensamento, agora eu já tenho outro; nos últimos dez anos [estávamos em 2016 neste momento de nosso diálogo] de fato as coisas mudaram muito, a coisa das mídias e tudo o mais. Agora, eu não gosto que se fique demonizando a mídia, demonizando o contemporâneo, demonizando – enfim, dizendo que “tudo é um espetáculo” [ela diz lembrando Guy Debord]. Tudo bem, estamos vivendo esta época de superexposição, mas tem hora que a acusação contra essa realidade faz ressoar um ponto de vista muito conservador. Fica parecendo discurso de gente velha, conservadora, que acha que acabou o mundo, que o passado é que era bom, em que não havia “essas coisas” etc. É o problema do maniqueísmo, mesmo. Então o que não se pode é ser pessimista. É a tudo isso que eu sempre fui contra: essa demonização da mídia, do contemporâneo, a demonização da internet, da rapidez [diz a partir de uma evocação incidental que eu havia feito do Zygmunt Bauman]. Você não pode ir nem contra a rapidez, nem contra a lentidão. É preciso achar um meio termo em meio a essa confusão que a gente

está vivendo – do contrário você vira ou um nerd alienado, que acha tudo ótimo, maravilhoso, ou então você vira um velho ressentido. A literatura é também um registro da lentidão, da leitura em silêncio, da leitura solitária. Mas também de certa rapidez. E essas são reflexões contemporâneas.

EMR: *O quanto podemos nos aproximar de uma definição para essa literatura do século 21?*

EMS: Claro que ainda há defensores de uma literatura *tout court*, de uma ideia de literatura e de texto literário autônomos. É nesse campo, por exemplo, que se sugere a necessidade de que haja uma reflexão do escritor sobre a própria literatura. Mas tudo isso caminha inevitavelmente para as divergências da nossa época, como em relação às novas formas de inserção das minorias. Pensar em literatura, hoje, implica pensar na transdisciplinaridade, na ausência de uma relação vertical entre as artes e as disciplinas. O que temos aí é uma transdisciplinaridade que é horizontal. Nessa horizontalidade das relações entre as artes, entre as literaturas e entre as disciplinas, você tem uma ausência de hierarquias. Se no século 19, por exemplo, era a História que comandava todas as discussões – sejam as discussões literárias ou de outra ordem –, no início do século 20 foi a Linguística que passou a dominar todas as outras disciplinas; tudo girava em torno dos modelos linguísticos. Hoje, não há mais isso. Hoje não se tem apenas um modelo – associado com a teoria literária, com a crítica literária – que seja predominante.

EMR: *Esse lugar não seria hoje, ou teria sido na segunda metade do século 20, ocupado pelo modelo sociológico?*

EMS: Eu acredito que não. Contamos com vários enfoques disponíveis para analisar a literatura e a arte, em geral: a visão pormenorizada da sociologia, da antropologia, da psicologia. Mas tudo isso faz parte desse núcleo amplo de intromissões, que se estabelecem horizontalmente. Em minhas pesquisas sobre teoria e crítica, prefiro pensar na questão da contextualização. Para analisar uma obra, é preciso refletir sobre a época em que ela foi escrita, sobre as relações amplas e transdisciplinares que ela pode ter com o presente. Tudo isso é crucial. Não se consegue mais determinar uma obra apenas

pelos seus aspectos econômicos ou sociológicos. Todas essas propostas têm de ser bem dosadas.

EMR: *Certa vez, Eneida, em uma aula sua, você defendeu que “teorizar é metaforizar”. O que isso significa?*

EMS: Significa que, há vários anos, eu não separo mais o ato de teorizar do ato de ficcionalizar, entendendo-se que o ato de metaforizar está implícito na ideia de ficcionalizar. Antes separávamos crítica literária e literatura. Hoje, não mais. Hoje temos toda uma interseção entre a ficção e a teoria, na medida em que teorizar é também pensar, como diz Gilles Deleuze; na medida em que pensar é, em si, teorizar. Digo isso tendo em vista que o pensamento está atravessado por essa relação entre ficção e teoria.

EMR: *Como se dá, na prática, essa proposta teórica?*

EMS: A minha proposta é que os conceitos não nascem apenas de outros conceitos, mas também de imagens, de metáforas: a sugestão é a de que o mundo imagético propicia certa entrada na teoria. Isso é muito importante se a gente pensa, por exemplo, na obra do [filósofo, sociólogo e crítico literário alemão Walter] Benjamin: em quase todo texto que escreveu, mas principalmente nas suas teses sobre a história, Benjamin começou introduzindo uma cena, um quadro, uma imagem, de modo a ir desenvolvendo os conceitos a partir desse referencial imagético.

EMR: *Eneida, a “impureza” se tornou uma noção recorrente em sua produção mais tardia. Do que você fala quando fala em impureza? Como essa noção se situa, em relação ao que vimos conversando?*

EMS: A questão é que o passado emerge, sobrevive no presente. Então a gente não pode dizer que ideias, conceitos e teorias do passado morrem. Eles sobrevivem no presente a partir das leituras aguçadas do leitor, e vão se transformando na medida da leitura que se faz no presente. É nesse sentido que penso a impureza da arte e dos conceitos. Eles são impuros no sentido de que você não tem nunca uma retomada da origem, não tem nunca uma retomada precisa do passado. Porque ele se transforma sempre. Por isso, as formas artísticas são sempre impuras. Não há a autenticidade.

EMR: *Voltando ao “teorizar é metaforizar”, que subsídios teóricos embasam essas suas reflexões?*

EMS: Eu utilizo um conceito do Jacques Rancière a respeito da ficção. Em vez de reiterar o entendimento comum do conceito de ficção como algo relacionado à mentira, à fantasia, Rancière vai sugerir que um texto passa a ser ficcional à medida que seu autor se preocupa com a organização de seu texto; em estabelecer para o texto princípio, meio e fim – em resumo, uma ordem particular. No fundo, todo texto precisa de certa teorização, no sentido dessa organização. Esse é o aspecto da teorização que beira a ficcionalização. É uma proposta pessoal, que só aquele que está escrevendo vai poder desenvolver.

EMR: *O mergulho do teórico nesse aspecto ficcional que integra a reflexão teórica não implica o risco da perda do rigor?*

EMS: O risco é essa ficcionalização do processo de produção do texto teórico cair num vazio. É aquele caso em que o teórico pensa: “ah, vou escrever igual a um escritor”. O risco ocorre quando ele pensa em fazer um texto teórico que seja, também, um texto literário. Isso pode não gerar bons resultados. [Aqui menciono uma nota pessoal. A entrevista que subsidiou esta parte do nosso diálogo ocorreu quando eu começava o meu doutorado em estudos literários sob a orientação da Eneida, um doutorado que inicialmente abordaria aquela ontologia da literatura no contemporâneo, de que falei, mas que ironicamente terminaria resultando em uma tese, ao mesmo tempo teórica e literária, sobre a autoficção, forjada justamente no risco dessa interseção de que Eneida falara, uma tese que se tentou ao mesmo tempo uma tese e um romance. Lembremos, portanto, este conselho que Fernando Sabino recebeu certa vez de Mário de Andrade: “Tome esportivamente o seu caso. Sempre a sério, se esbofe, não economize nada, gaste tudo, jogue todas as suas cartas na mesa e não blefe. E si o livro não sair bom, diga: perdi. E comece outra partida. Porém no livro defeituoso ou fracassado você terá um caminho.” (SABINO, 2003, p. 212). Bem, foi o caminho liturado por minha tese que me trouxe até aqui, esta conversa que se engendra como uma tríade, entre Eneida, eu e vocês. Que sigamos por mais alguns instantes nela.]

EMR: *Eneida, como esse risco de que você fala se realizaria como um problema, na prática?*

EMS: Pense em Guimarães Rosa, por exemplo, que tem uma linguagem toda própria. Imagine você tentar analisar sua obra escrevendo o texto crítico

dentro desses mesmos parâmetros. Não será producente. Então é preciso respeitar certa distância em relação ao objeto; respeitar certa distância, mas, ao mesmo tempo, manter certa proximidade. O que quero dizer é que as duas propostas caminham juntas. Você se aproxima do objeto e, ao mesmo tempo, se afasta. Nem uma total mimetização, nem um total distanciamento.

EMR: *O que você diz me faz pensar em uma distinção. Em uma produção literária, o escritor pode se preocupar quase que estritamente com a forma, caso acredite que isso vá ser profícuo para essa sua produção em específico. Já na construção do texto teórico, não. Nela, se o autor se concentrar excessivamente na forma, e não naquilo que se pretende dizer; enfim, se a forma não for mobilizada como um recurso, mas como um fim em si mesmo, aí o texto teórico perde a sua relevância como tal. Então seria uma distinção entre a ficcionalização na literatura e na teoria.*

EMS: Isso é interessante. Agora, o que eu gostaria de dizer é que o que vai contribuir para o que nosso texto seja essa escrita atravessada por uma mescla entre teoria e ficção é a opção que temos pelo ensaio. O ensaio vai ser justamente essa proposta de escrita que mescla de uma forma bastante inteligente a teoria e a ficção. Nele, você escapa daquela proposta acadêmica de sentido restrito, que cobrava textos completamente teóricos, interessados na citação de grandes autores, seja endossando-os ou não. Funciona como meio de fugirmos um pouco, também, de certo lastro “científico” – até porque a noção mesma da crítica literária como ciência já está muito discutida, talvez nem exista mais. O ensaísmo tem uma função preponderante para uma retomada de uma crítica mais interessada na relação entre ficção e teoria.

EMR: *Eneida, um aparte. Quero te fazer uma pergunta mais pessoal. Ainda hoje você se desespera ao pensar no tanto de coisa que você queria ler e ainda não pôde? Porque eu me desespero. Esse desespero um dia passa? Você, Eneida, depois de tudo o que já leu, você ainda se desespera?*

EMS: Me desespero sim, porque eu compro muito livro (risos). Eu vou muito ao exterior, e sempre trago livros, então, quando eu olho para a minha estante e vejo o tanto de livro que eu tenho que ler, o tanto de livro – principalmente de teoria e de literatura – que eu *tengo* que ler, isso me desespera. Por isso que é bom você ter, às vezes, uma encomenda para escrever um artigo, que aí você é obrigada a retomar e aplicar o que você está lendo.

EMR: Voltando, qual é a sua opinião sobre a crítica literária brasileira no contexto internacional, considerando que ela é tardia?

EMS: Eu acho que a única maneira de a crítica literária brasileira – eu ampliaria aqui a abordagem para a crítica cultural, em geral – manter certa expressão globalizada seria assumindo uma postura de “mostrar a própria cara”. Creio que não é profícuo ficarmos repetindo o que os outros já disseram. Nós, professores de literatura comparada, particularmente, temos de usar as ferramentas que estão à disposição, advindas de teóricos estrangeiros ou brasileiros, mas também precisamos mostrar a inserção do nosso pensamento dentro daquele discurso. O que quero dizer é que essa inserção no discurso diz respeito a certo rompimento com a hegemonia. Não digo romper totalmente, mas é preciso ficar atento às modificações e repetições que são muito frequentes nesse tipo de crítica. Nesse sentido, a função primordial da crítica literária comparada é mostrar o seu lugar. Mesmo que seja um lugar ambíguo; mesmo que seja um entrelugar, como diz o Silviano Santiago. Se você não apresentar uma reflexão crítica com relação aos modelos e às ideias estrangeiras, você continua apenas repetindo e mimetizando o que já foi feito.

EMR: Como você vê a literatura brasileira contemporânea? Aqui, mais que a teórica, estou convocando a crítica literária a falar.

EMS: Eu tenho participado como jurada de muitos concursos de literatura, como o Prêmio Sesc de Literatura, o Prêmio Oceanos e o extinto Prêmio Portugal Telecom de Literatura. Com base nessa experiência e nas atividades relativas à profissão, constato que atualmente há uma produção qualificada de literatura no Brasil. Claro, há os detratores, que dizem que essa literatura não vale nada, que não tem mais “aquela qualidade” de tempos atrás. Em minha opinião, isso não procede. Acho que os tempos mudam e que hoje nós temos vários escritores bons. Há certa incongruência, certa implicância em dizer que a literatura acabou, que já não é mais igual àquela de antigamente. Não se pode ficar vivendo só de passado, não podemos ficar vivendo só de Guimarães Rosas, de Graciliano e de Clarices. Essa postura reflete certo conservadorismo da crítica, o que me irrita um pouco.

EMR: Além do volume e da qualidade, a senhora considera essa literatura, que é produzida hoje, uma literatura contemporânea, no sentido conceitual do termo?

EMS: É contemporânea, sim. Em primeiro lugar, levando em consideração essa questão do suporte que mencionei anteriormente. A literatura hoje é múltipla, é multifacetada. Ela tem a influência do teatro, do cinema, da filosofia, da metaliteratura. O suporte dessa literatura que é praticada hoje é amplo. Há escritores, por exemplo, que escrevem para depois transformar o texto em filme. Às vezes, eu posso não concordar muito com isso, mas, mais do que concordar ou não concordar, isso demonstra que na produção dessa literatura há todo um aparato inteligente e um empenho digno de consideração.

EMR: *Já se escreve com um olhar transmídia?*

EMS: Sim, transmídia; uma preocupação com a interferência dessa literatura em outros suportes, outras áreas.

EMR: *Eneida, uma provocação: por que a pesquisa em literatura é importante?*

EMS: Porque a literatura faz pensar; ela nos coloca em uma situação de deslocamento em relação à nossa posição rotineira. Quando você está lendo um livro – de literatura ou de teoria – você está se deslocando daqueles lugares para os quais, normalmente, estamos voltados; deslocando-se daqueles lugares em que, normalmente, estamos. Então a literatura é a convivência, é a saída do sujeito de si. É o despertar-se de si. Aí você começa a desenvolver uma série de pensamentos que são mais abertos, mais acessíveis ao outro, você não fica só naquela ideia fixa que você tem. Se você conhece o outro, se você conhece uma nova linguagem, se você passa a conhecer uma nova visão de mundo, isso te enriquece. Não é? Ao mesmo tempo, cabe dizer que pesquisar literatura, e a própria literatura, em si, é uma forma de se entregar ao outro. É uma forma de perceber a alteridade, de perceber que esse sujeito que está se entregando à leitura está também convivendo e compartilhando algo com o outro. Isso, para mim, é o mais importante. Em tudo isso está uma forma de felicidade.

EMR: *Se a literatura faz pensar, e nós pesquisamos a literatura, esse ato de pesquisá-la parece-me, de alguma forma, o ato de pesquisar o nosso pensamento; a nossa forma de concebê-lo... você concorda?*

EMS: Sim. E isso diz respeito à ideia de aprendizado contínuo. Quando se lê um livro e ele traz uma novidade, isso representa algo que você nunca

pensou; nesse momento você está avançando seu pensamento. A literatura, nesse sentido, é uma forma de sobrevivência; uma forma de sobreviver às intempéries.

EMR: *Sobrevivência intelectual e subjetiva...*

EMS: Sim. Isso para mim é o mais importante.

[*E aqui se encerra a nossa entrevista. Encerra-se com a última lição que Eneida me ofereceu, ao dizer-me, em uma ligação decisiva, que “para uma leitura compartilhada entre autor e leitor, menos é mais”. Compartilhemos, portanto, a lembrança de Eneida Maria de Souza.*]

Referências

RIBEIRO, Ewerton Martins. ‘A literatura é uma forma de sobrevivência’, afirma Eneida Maria de Souza. UFMG, Belo Horizonte, 25 abr. 2016. Notícias. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/043136.shtml>. Acesso em: 4 maio 2022.

SABINO, Fernando; ANDRADE, Mário de. *Cartas a um jovem escritor e suas respostas*. Rio de Janeiro: Record, 2003.